

**MIRA GODINHO**

## **A decana do voluntariado**

Estamos em 2011, no Ano Europeu do Voluntariado, Mira Godinho ou Maria Ramiro Godinho, tem quase 91 anos e continua uma vida inteira de doação voluntária a quem precisa. Hoje, sobretudo no serviço de Oncologia do Hospital de Abrantes, mas desde há muito nas Conferências Vicentinas também de Abrantes. A sua vida é um



exemplo e um grito a todos quantos podem em nome todos quantos precisam. Não queria falar de si, mas acabou por aceitar pela causa do voluntariado.

### **Como começou o seu trabalho de voluntária?**

Quando eu tinha 17 ou 18 anos fundei aqui a Juventude Católica. Houve então uma epidemia de tuberculose e muitos jovens contraíram a doença, alguns morreram mesmo. Eu nunca me afastei deles. Desde esses 18 anos que eu tenho “isto”. Nasceu comigo. Não posso ver ninguém a sofrer. Cada um de nós foi colocado no seu lugar. O meu é este: dar-me.

Admiro-me como há pessoas que não têm nada que fazer e não se preocupam em ser úteis aos outros. E à noite, conseguem dormir descansadas. Há pessoas a sofrer, há mães de família que têm de sair de manhã e voltam ao fim do dia e não têm ninguém que as ajude, nem dinheiro para pagar.

### **Uma das suas linhas de trabalho voluntário vem das Conferências de S. Vicente de Paulo.**

Tenho 17 camas articuladas em movimento pelas aldeias. Um dia, numa reunião das Conferências, foi referido do caso de um homem que passava o dia a gritar. Quando saí, fui logo bater-lhe à porta. Porque eu bato à porta das pessoas. Se me receberem mal, isso é lá com elas, eu faço a minha parte. Bati à porta e vi um sofrimento horrível: “Tenho de comprar uma cama articulada para este homem”. Hoje, a Conferência já acabou, mas as camas continuam a circular por quem precisa.

### **E no Hospital de Abrantes?**

Quando foi criado o voluntariado no Hospital e a minha filha (enfermeira) me perguntou se eu não queria ir, eu disse logo que sim (apesar de ter mais de 80 anos), disse que queria ir trabalhar com os cancerosos. Porque o meu marido morreu com um cancro.

Eu estou a olhar para eles e estou a lembrar-me do que passei (emociona-se). É ali, como eles que quero estar. Não é nas enfermarias, porque ali as pessoas passam e não sabemos mais delas, ao passo que em oncologia acompanhamo-las durante meses e mesmo anos. E nós sentimo-nos afectuosamente ligadas a essas pessoas.

### **E o que faz como voluntária no Hospital?**

A minha vivência lá é integrar-me completamente naquilo que os doentes estão a passar. Eles perceberem que está ali uma amiga a viver aquelas horas com eles. E as minhas colegas fazem o mesmo. Servimos-lhe chá ou um refresco no verão, umas bolachas, e sobretudo convivemos com eles, falando. Porque há momentos muito difíceis para as pessoas, em que precisam de muita ajuda. Procuramos que a vida dos doentes, ali, seja o mais suave possível para eles. Converso com eles, rio, conto-lhes anedotas se vejo que o momento é adequado. Vejo se eles sentem muito a minha falta, sinal de que a minha presença é importante.

### **E continua com um espírito jovem.**

A vontade é a mesma. Mas como o corpo começa a dizer que já não pode ser. Eu a pedir, e o corpo... é como um motor cansado. Isto é que dói um bocadinho. Os médicos dizem que eu preciso de descansar, “está bem, eu tenho tempo de descansar depois”. O desgosto que tenho de ser velha não é por morrer, é por querer fazer e já não poder. Mas ainda faço (risos). Mas queria fazer mais.

Quero dizer que somos uma equipa extraordinária. Voluntários, enfermeiros. Auxiliares, cada um com o seu trabalho, somos todos uma família que trabalha toda para o mesmo. Nisso temos muita sorte. E eu quero agradecer, em nome de todas as voluntárias, a maneira como fomos recebidas. Sinto-mo muito honrada por isso.

### **Mensagem final**

Eu faço um apelo às pessoas. Tirem um bocadinho, uma ou duas horas por semana que seja. Nem digo que vão para o voluntariado do hospital. Sejam voluntárias das vizinhas. Batam às

portas, não se envergonhem. Eu, o primeiro doente que fui ver, fui mal recebida, mas não me importei. E não me venham cá dizer que não são capazes, que não podem. Todos podem e todos são capazes. Basta querer.

E ninguém pense que vai dar alguma coisa. Nós recebemos. Eu tenho recebido ali lições extraordinárias, de aceitação, de força.

Há uma frase na bíblia que diz “podem rezar muito, mas se não tiverem caridade, não vale de nada”. E o amor ao próximo não é escolher este ou aquele, Não, é para todos, porque todos somos filhos de Deus e irmãos uns dos outros. Ser voluntário é isto. É dar-se a quem precisa, seja lá quem for.

Alves Jana, Jornal de Abrantes, Edição de Março de 2011